



<https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1181>



# A disseminação do Muay Thai no Brasil: narrativas e memórias dos mestres pioneiros

Ivo Lopes Müller Júnior\*

ORCID iD 0000-0003-1710-2807

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação Física, Curitiba, Brasil

Pauline Iglesias Vargas\*

ORCID iD 0000-0002-6756-4674

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação Física, Universidade Positivo, Curso de Educação Física, Curitiba, Brasil

André Mendes Capraro\*

ORCID iD 0000-0003-3496-3131

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação Física, Curitiba, Brasil

**Resumo:** O Muay Thai se tornou uma das artes marciais mais praticadas no país, após o sucesso dos lutadores brasileiros nos eventos de MMA realizados a partir da década de 1990. Este artigo tem o objetivo de analisar, por meio de narrativas, o processo de inserção e divulgação da modalidade no Brasil. Participaram deste projeto os primeiros faixas pretas formados por Nélio Naja, o suposto introdutor dessa arte marcial no país. Concluiu-se que ao abandonar o Taekwondo e iniciar o Muay Thai na cidade de Curitiba (PR), Nélio Naja prosperou, fomentando a construção do mito do herói e a construção de uma identidade da arte marcial. Nélio Naja, para se estabelecer como introdutor no Brasil, precisou criar algumas versões memorialísticas de como conheceu a modalidade, tornando-se um consenso entre os praticantes. Em pouco tempo, o Muay Thai passou a ser praticado no Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Nesses locais ocorreram memórias em disputa, pois outros pioneiros tentaram se estabelecer como precursores.

**Palavras-chave:** Boxe Tailandês. História Oral. Nélio Naja. *Mixed Martial Arts*.

\* Doutorando e mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com orientação do Prof. Dr. André Mendes Capraro. E-mail: [ivojunior11@yahoo.com.br](mailto:ivojunior11@yahoo.com.br).

\* Doutoranda e mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com orientação do Prof. Dr. André Mendes Capraro, professora da Universidade Positivo (UP). E-mail: [piglesiasvargas@gmail.com](mailto:piglesiasvargas@gmail.com).

\* Pós-doutor pela Università Ca' Foscari di Venezia, doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor associado da UFPR. E-mail: [andrecapraro@gmail.com](mailto:andrecapraro@gmail.com).

## The spread of Muay Thai in Brazil: narratives and memories of the pioneer masters

**Abstract:** Muay Thai has become one of the most practiced martial arts in the country, after the success of Brazilian fighters in MMA events held since the 1990s. This article aims to analyze, through narratives, the process of insertion and dissemination of the sport in Brazil. The first black belts formed by Nélio Naja, the supposed introducer of this martial art in the country, participated in this study. It was concluded that when he abandoned Taekwondo and started Muay Thai in the city of Curitiba (PR), Nélio Naja prospered, fostering the construction of the hero's myth and the construction of a martial art identity. Nélio Naja, in order to establish himself as an introducer in Brazil, had to create some versions of how he got to know the sport, becoming a consensus among practitioners. In a short time, Muay Thai started to be practiced in Rio de Janeiro (RJ) and São Paulo (SP). In these places, others pioneers also have tried to establish themselves as precursors.

**Keywords:** Thai Boxing. Oral History. Nélio Naja. Mixed Martial Arts.

## Introdução

*A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.* (Candau, 2011, p. 16).

Além de contribuir com o dossiê “Esportes e fontes orais”, o objetivo principal deste artigo foi o de analisar, por meio das narrativas de seus precursores, o processo de inserção e divulgação do Muay Thai no Brasil. Foram entrevistados os primeiros faixas pretas formados por Nélio Borges de Souza, popularmente conhecido como Nélio Naja, considerado o precursor mitológico do Muay Thai brasileiro. Nélio Naja começou a ministrar aulas da modalidade em 1979 e é considerado pelos praticantes o responsável por transformar Curitiba em uma das protagonistas em artes marciais (Müller Júnior; Capraro, 2020).

O Muay Thai é conhecido internacionalmente como uma arte marcial nacional da Tailândia, sendo um dos principais produtos de exportação cultural tailandês (Jukping, 2020). As competições são realizadas em um ringue de boxe e o intuito do praticante é vencer o combate por nocaute, a partir da soma de pontos ou ainda por desistência de seu oponente (Myers; Nevill; Nakeeb, 2013). A modalidade também é conhecida como “a arte dos oito membros” (tailandês: มวย อight) (Mookdarsanit; Mookdarsanit, 2018, p. 21), pois permite técnicas de boxe, cotoveladas, joelhadas, chutes e *clinch*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> As técnicas de *clinch* permitem ao atleta se apoiar, abraçar ou puxar o oponente para deferir golpes.

Um dos fatores que contribuíram para a popularização e desenvolvimento global do Muay Thai foram os eventos de *Mixed Martial Arts* (MMA), realizados desde a década de 1990 (Lise, 2018). O Muay Thai é um dos principais componentes técnicos do MMA e é considerado uma das modalidades que mais cresce no mundo (Myers; Nevill; Nakeeb, 2013).

No entanto, pouco se sabe sobre a história da súbita e intensa disseminação dessa arte marcial no Brasil. Nesta esteira, optou-se por utilizar os pressupostos da História Oral como método de investigação. Afinal, a temática esportiva vem sendo estudada por pesquisadores de diferentes especialidades por meio da História Oral, a qual possibilita a criação de um “corpus documental” (Hollanda, 2017). Especialmente no caso das artes marciais no Brasil – e o Muay Thai não foge à regra – é sensível que há uma parca produção historiográfica, visto que existe uma notória segmentação entre prática e teoria (Wacquant, 2002). Sendo assim, o método dialógico auxiliará na interpretação de parte desta história, até então pouco conhecida (Alberti, 2013), no caso, a da origem e difusão do Muay Thai no Brasil.

Foram convidados a colaborar com este projeto os primeiros faixas pretas formados por Nélio Naja e que participaram ativamente do processo de disseminação do Muay Thai no Brasil. Neste rol também se encontrava o já falecido Flávio Molina, então, em caráter excepcional, foi entrevistado o seu filho, Marcelo Dumar Molina (2019), pois ele está escrevendo uma biografia *in memoriam* de seu pai.

Assim como Nélio Naja, Flávio Molina foi aluno de Woo Jae Lee. Foi campeão nacional por três vezes na categoria peso médio. Tanto que, no final dos anos 1970, tornou-se o mais famoso lutador brasileiro de Taekwondo. Disputou o Campeonato Mundial de 1982, realizado em Guayaquil (Equador) e faz parte do *hall of honor* do Taekwondo mundial (Taekwondo..., 2015). Molina foi também segurança do empresário Roberto Marinho, salva-vidas e modelo fotográfico, realizando vários comerciais para a TV. Destacava-se pela técnica, beleza e carisma, além de se tornar policial civil, especialista em resgate em áreas de difícil acesso (Reis; Rodrigues, 2018); portanto, Flávio Molina foi um importante personagem na consolidação e divulgação do Muay Thai no Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro.

Sendo assim, foram realizadas 11 entrevistas temáticas durante o ano de 2019, por meio de um roteiro semiestruturado, com os seguintes mestres pioneiros<sup>2</sup> ou seus representantes:

**Wellington Narany** - Faixa preta de Taekwondo, foi o primeiro faixa preta de Muay Thai formado por Nélio Naja, em maio de 1979. Auxiliou ativamente no desenvolvimento da modalidade no Rio de Janeiro e organizou (sob supervisão de Nélio Naja) os primeiros

---

<sup>2</sup> Ressalta-se que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e concordaram em divulgar seus nomes.

exames de faixa e torneios interestaduais. Considerado o responsável pelo início da institucionalização da modalidade junto à Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP).

**Reginaldo “China” Moreira da Silva** - Foi o quarto faixa preta formado por Nélio Naja e o primeiro na cidade de Curitiba (PR). Praticante de Kung Fu e fã de artes marciais, ao visitar uma academia em 1979 se deparou com Nélio Naja ministrando uma aula. Iniciou a prática e passou a acompanhá-lo. Reginaldo China foi um dos primeiros professores a ministrar aulas na academia Muaythai auxiliando seu mestre.

**Rudimar Fedrigo** - Fez parte da primeira turma de Muay Thai instituída por Nélio Naja, em 1979, foi o quinto faixa preta formado no Brasil e o segundo em Curitiba. Rudimar foi o primeiro aluno a se desvincular do sistema de treinamento formulado por Nélio Naja e montar a sua própria metodologia, fundando a academia Chute Boxe.

**Júlio Cesar de Souza Regueira** - Amigo íntimo de Nélio Naja, foi o sétimo faixa preta formado por ele. Conheceram-se em 1977, na época em que Nélio Naja iniciou o seu trabalho com o Taekwondo em Curitiba. Júlio Cesar praticou a modalidade coreana por seis meses, parou por um ano e regressou quando Nélio Naja estava instituindo o Muay Thai. Júlio Cesar também treinou com Nélio Naja no Rio de Janeiro na segunda metade da década de 1980.

**Fábio Noguchi** - Começou a praticar Muay Thai na adolescência, fazendo parte das primeiras turmas da academia Muaythai e o seu professor direto foi o Reginaldo China. Entre os anos de 1983 e 1985 passou a ter contato direto com Nélio Naja. Em 1985, Noguchi precisou viajar ao Rio de Janeiro para realizar seu exame de faixa preta, pois Nélio Naja optou por regressar à capital fluminense para viver próximo da esposa e dos filhos.

**Edinei Pedroso** - Iniciou a sua trajetória como aluno da academia Muaythai, na época do período de regresso de Nélio Naja para o Rio de Janeiro, ficando a academia de Curitiba sob os cuidados de seu aluno Rubens Melantonio Filho (falecido). Edinei Pedroso informou que teve uma proximidade maior com Nélio Naja já idoso, a partir de 2012, quando ele havia novamente regressado à Curitiba.

**Sandro Lustosa** - Participou da primeira excursão dos alunos de Taekwondo do Rio de Janeiro para treinar com Nélio Naja em Curitiba, em agosto de 1980. Na oportunidade, recebeu a graduação de faixa azul, pois já tinha uma elevada técnica e auxiliava os professores cariocas nas aulas de Taekwondo.

**Álvaro de Aguiar** - Era proprietário da academia Tigre, localizada em São Paulo, faixa preta de Hapkidô, professor de Boxe e Caratê *Full Contact*. Sem conhecer ao certo o

que seria o Muay Thai, competiu e treinou a equipe paulista em seu primeiro torneio interestadual, realizado no Rio de Janeiro em 1982.

**Paulo Nikolai** - Faixa preta de Taekwondo, treinou por um tempo na academia Tigre. Acompanhou a delegação paulista no torneio de 1982. Foi um dos primeiros brasileiros a realizar intercâmbio internacional com atletas renomados da Europa, além de ter organizado a primeira competição da modalidade no estado de São Paulo.

**Augusto Cunha** - Fez parte das primeiras gerações do Muay Thai carioca. Publicitário, dono da Revista *Yellow*,<sup>3</sup> auxiliou na divulgação da modalidade junto aos veículos de comunicação. Conviveu com Nélio Naja quando ele regressou ao Rio de Janeiro, em 1985.

**Marcelo Dumar Molina** - Acompanhou o desenvolvimento da modalidade no Rio de Janeiro. Devido à popularidade de seu pai nas artes marciais, possui um acervo com importantes fontes a respeito da disseminação do Muay Thai no Brasil.

A análise das entrevistas possibilitou a compreensão dos acontecimentos e o cenário social de inserção e disseminação do Muay Thai no Brasil, a partir das versões, ou – concordando com Alberti (2013) – narrativas, das experiências particulares dos primeiros mestres brasileiros da modalidade. Portanto, a conjugação dos relatos orais deu subsídio para o entendimento do processo de construção da memória do Muay Thai brasileiro. Dessa forma, o artigo foi estruturado em três partes, além da introdução e das considerações finais.

**“Os amigos e alunos preferem que o mestre seja lembrado como um mito, forte e guerreiro”: a construção do mito do herói em Curitiba**

*Os símbolos da mitologia não são fabricados: não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produções específicas da nossa psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador da fonte.* (Campbell, 2004, p. 7).

Nélio Naja foi um dos mestres mais criativos das artes marciais brasileiras. Explicasse: com pouco recursos, em uma época na qual a informação não tinha a velocidade digital da atualidade, ele conseguiu adaptar o seu conhecimento de Taekwondo, desenvolvendo algo novo, prática que anos mais tarde se tornaria uma das principais

<sup>3</sup> Revista carioca de publicação mensal que circulou entre os anos de 1983 a 1991.

influências do MMA e o consagraria como um mito nas artes marciais. Graças ao seu legado surgiram nomes importantes como Wanderlei Silva, Marco Ruas, Pedro Rizzo, Anderson Silva, Maurício Shogun Rua, Cris Cyborg e vários outros campeões.

Nélio Naja iniciou sua trajetória nas artes marciais praticando o Taekwondo na cidade do Rio de Janeiro. A modalidade coreana chegou ao Brasil em agosto de 1970, por intermédio dos mestres Sang Min Cho, Sang Min Kim, Kun Mo Bang. Eles fundaram a Academia Liberdade na cidade de São Paulo. Em dezembro de 1970, chegou ao Brasil Woo Jae Lee, que ficou responsável por desenvolver o Taekwondo na cidade do Rio de Janeiro (Rios, 2005; Müller; Eto, 2014).

Em seu livro, intitulado *Defesa pessoal: Hoshin-sull do Taekwondo* (2019), Woo Jae Lee contou que conheceu Nélio Naja na academia Framá, localizada no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, em 1972. Nélio foi o primeiro aluno que passou da graduação 10º Gub (faixa branca) direto para 6º Gub (faixa verde). Fato que possibilitou ministrar aulas como ajudante de seu mestre, demonstrando respeito, disciplina e fazendo as posições com perfeição. Isso o tornou um dos primeiros faixas pretas de Taekwondo formados no Brasil (Lee, 2019).

Nélio Naja treinou e conviveu com o mestre Woo Jae Lee no período de 1972 a 1976, no Rio de Janeiro. Porém, optou em migrar para a cidade de Curitiba, já que a capital fluminense abrigava dois dos principais mestres – Woo Jae Lee e Yong Min Kim.

Embora tenha trabalhado com o Taekwondo entre os anos de 1976 e 1978, Nélio Naja sempre omitiu essa informação. Em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, publicada no dia 25 de fevereiro de 2007, Nélio Naja afirmou que “[...] na época frequentava um templo místico, a escolha da cidade para iniciar o Muay Thai no Brasil foi guiada pela minha intuição espiritual. Simplesmente achei que Curitiba seria o lugar certo” (Cidade..., 2007). Na tentativa de omitir seu passado com o Taekwondo na cidade de Curitiba, Nélio Naja manipula suas lembranças, pois a memória é um fenômeno que a todo momento se atualiza e evolui tanto na retórica da lembrança quanto do esquecimento (Nodari, 2011). Nessa esteira, Júlio Cesar Regueira lembrou que o início com o Taekwondo em Curitiba não foi fácil. Nélio Naja passou por uma série de dificuldades. Com a chegada do Mestre Hong Soon Kang à cidade aumentou a concorrência, alguns alunos migraram de academia e as coisas pioraram (Júlio Cesar de Souza Regueira, 2019).

Apropriando-se do sentido metafórico da teoria de Campbell (2004), poder-se-ia considerar que Nélio Naja precisou superar o périplo universal do herói e se reinventar. Ele adaptou técnicas orientais (do Taekwondo) para criar o boxe tailandês em 1979, prática conhecida na atualidade como Muay Thai (Alves; Mariano, 2007).

Outro fator que, possivelmente, auxiliou na criação e popularização da modalidade no Brasil foi o anime *Sawamu*. Trata-se de um desenho animado transmitido em canal aberto nas décadas de 1970 e 1980. A série narrava a história verídica do carateca Tadashi Sawamura que, após uma derrota para um lutador de Muay Thai, resolveu

aprender a pouco conhecida arte marcial e acabou se tornando campeão. As narrativas dos entrevistados indicam que, provavelmente, Nélio Naja criou a arte marcial a partir desse desenho e de filmes de algumas lutas que assistiu em VHS.

Vale destacar que as aulas ministradas por Nélio Naja eram muito diferentes das aulas de Muay Thai ofertadas na atualidade. Tais aulas eram baseadas em práticas militares e os alunos trajavam quimono preto (como o *Dobok* do Taekwondo). Os nomes dos chutes eram em coreano (conforme aprendeu com Woo Jae Lee) e havia um sistema de graduações parecido com o do Taekwondo, constituído inicialmente por sete faixas coloridas, iniciando na branca e findando na preta. Outra característica do treinamento desenvolvido por Nélio Naja refere-se às técnicas de defesa pessoal com o uso de armas (faca, facão, bastão curto e bastão longo) e o quebraamento de telhas. Em síntese, mantinha a essência da marcialidade (Bowman, 2019).

Em suas narrativas, Rudimar Fedrigo, Reginaldo China e Júlio Cesar Regueira reforçaram (aparentando orgulho) que foram alguns dos primeiros alunos de Nélio Naja. Este iniciou oferecendo aulas em praças e parques locais, mas, após um curto período, começou a ministrar aulas em algumas academias e clubes centrais, até estruturar a sua própria academia, denominada Muaythai.

Um dos fatores que contribuíram para a formação identitária (Candau, 2011) do Muay Thai na cidade de Curitiba foi a publicidade e a divulgação feita por Nélio Naja e seus alunos. Edinei Pedroso e Reginaldo China contaram que era comum a realização de apresentações em parques, feiras e escolas da cidade. Nessas ocasiões, realizavam demonstrações com quebraamento de telhas. Reginaldo China narrou “[...] costumávamos pegar três telhas grossas e quebrá-las com a canela. Até com o dedo polegar o Nélio Naja quebrava telha e furava. Ficava só o buraco do dedo dele, tanto com a mão quanto com o pé” (Antônio Reginaldo Moreira da Silva, 2019).

A publicidade também era realizada em anúncios de jornais, como no Diário do Paraná, do dia 18 de maio de 1980. Na ocasião, o clube Círculo Militar do Paraná convidava os seus sócios a conhecer “[...] a mais versátil ARTE MARCIAL TAILANDESA DE AUTO-DEFESA – MUAY THAI ministrada pelo mestre Nélio Naja” (Círculo..., 1980).

Além da divulgação “boca a boca”, o entrevistado Júlio Cesar Regueira comentou que algumas vezes saía com Nélio Naja fazer publicidade: “[...] a gente saía de madrugada colar cartaz num frio de zero grau, com aqueles latões de cola que faz goma, colando cartazes e propaganda do Muay Thai pela região do centro da cidade” (Júlio Cesar de Souza Regueira, 2019). Relatos reforçados pelo Mestre Reginaldo China ao comentar que a divulgação chegou a ser feita em programas de rádio e televisão.<sup>4</sup>

Nas falas dos entrevistados foi possível perceber o sentimento de pertencimento ao grupo dos pioneiros da referida modalidade. Afinal, as identidades se constroem a

<sup>4</sup> Material disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YgzTbvFrkQs>. Acesso: 10 abr. 2021.

partir de “traços culturais”, não de forma rígida, elas “[...] são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socioculturais – situações, contexto, circunstância – de onde emergem os sentimentos de pertencimento” (Candau, 2011, p. 27).

Na tentativa de consolidar-se como o precursor da prática no país, Nélio Naja precisou explicar para a sociedade como conheceu a modalidade; para isso, criou algumas versões de como ocorreu. A de maior destaque, estabelece que teria sido paraquedista militar e, após realizar uma missão na Ásia, havia ficado por dois anos (1976-1978) aprendendo Muay Thai na Tailândia; ao regressar, escolheu a cidade de Curitiba para iniciar essa nova modalidade (Reis; Rodrigues, 2018). No entanto, Müller Júnior e Capraro (2020), ao analisarem o histórico do paraquedismo brasileiro, constataram que as primeiras missões internacionais ocorreram na década de 1990 e a primeira expedição ao continente asiático foi em Timor Leste no ano de 2002, e não na década de 1970, como informou Nélio Naja aos seus alunos na tentativa de justificar sua suposta ida à Tailândia.

Mas essa versão, a mais usada pelo próprio Nélio Naja, não era consensual, pois ele precisou fazer uso de lembranças flutuantes ao informar a respeito de seu passado. Ao serem questionados a respeito de como Nélio Naja conheceu o Muay Thai, as narrativas dos mestres fundadores divergiram. Porém, ao que tudo indica, foi o próprio Nélio Naja que fomentou todas estas versões memorialísticas. Segundo a versão apresentada por Rudimar Fedrigo (2019), Wellington Narany (2019) e Fábio Noguchi (2019), Naja conheceu por intermédio de um familiar que hospedou um tailandês na casa da família. Como forma de retribuir a hospedagem, o tailandês ensinou o Muay Thai para ele. Reforçam que Nélio Naja era discreto, mas sempre de forma direta declarava que conheceu os tailandeses e gostou do esporte, foi por isso que abandonou totalmente o Taekwondo para se dedicar a nova modalidade.

Por outro lado, os entrevistados Júlio Cesar e Reginaldo China acentuaram que Nélio Naja teria conhecido a modalidade por intermédio dos seguradoras tailandeses que trabalhavam na embaixada da Tailândia, aqui no Brasil. Reginaldo China enfatizou em suas narrativas que “Nélio Naja era muito reservado em relação ao seu passado” (Antônio Reginaldo Moreira da Silva, 2019). Já o entrevistado Edinei Pedroso (2019) afirmou conhecer três versões diferentes de como Nélio Naja conheceu a modalidade, porém, não quis discutir o assunto, na tentativa de manter a “verdade oculta” (Thompson, 1992).

Durante as narrativas, foi possível identificar expressões que representam insegurança na reconstrução do passado, tais como: “sempre ouvi dizer”, “a história tradicional que ele contava”, “ele mesmo contava”, “o pessoal comentava que” e “foi o que ouvi falar”. Nesse sentido, Joël Candau (2011) e Maurice Halbwachs (1990) compreendem a memória como algo dinâmico, pois ela é a reconstrução e a atualização contínua do passado. Enquanto Candau (2011) reforça que é “insustentável” a



hipótese de que as vivências passadas pudessem ser memórias estáticas, ou seja, algo com possibilidade de recuperação na íntegra, como tentaram informar os entrevistados; Halbwachs (1990), por sua vez, acentua que as condições sociais vivenciadas no tempo presente por um determinado grupo e a posição específica de um indivíduo nesse mesmo grupo são aspectos fundamentais no processo de reconstrução do passado.

Outro fato marcante foi a tentativa de Edinei Pedroso de bloquear as informações a respeito das três versões criadas por Nélio Naja. Michael Pollak (1989, p. 13), acerca desse tipo de situação, argumenta que “[...] as dificuldades e bloqueios que eventualmente surgiram ao longo de uma entrevista raramente resultavam de brancos da memória ou de esquecimentos, mas de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e transmitir seu passado”, pois, mesmo de forma individual, a memória não pode se dissociar da organização social da vida.

Na tentativa de evitar possíveis bloqueios dos entrevistados e dar continuidade à narrativa memorialística, cabe ao entrevistador elaborar questões pertinentes, saber o tempo certo de voltar a realizar perguntas sobre a mesma temática, utilizando outras palavras ou fazendo analogias no intuito de estimular o entrevistado a transpor a linha tênue entre a fronteira no narrável e do inarrável. Nestas entrevistas foi possível perceber que os entrevistados temiam colocar a versão hegemônica em xeque, reconstruindo a história e manchando a honra de um mito (Portelli, 2016). Vale a lembrança que as artes marciais, sobretudo, as de origem oriental, preservam uma referência absoluta da parte dos discípulos em relação ao mestre (Bowman, 2019). Entende-se que a ideia era não dar brechas para que outro mestre pudesse assumir as honras de introdutor da modalidade no Brasil. Mesmo havendo divergências sobre como Nélio Naja aprendeu a modalidade, houve como elemento comum o seu nome como fundador, assim como a necessidade de manter viva a sua memória, tal como ilustrado na frase usada como título para o tópico.

### “Ele não estava de acordo, ele queria mudar as regras, mudar um monte de coisa”: os pioneiros do Muay Thai no Rio de Janeiro

*[...] os vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado com data precisa de um acontecimento. (Pollak, 1992, p. 202).*

As narrativas da inserção do Muay Thai no estado do Rio de Janeiro são marcadas por uma disputa. Ainda que sem controvérsias, os entrevistados relataram que, no final da década de 1970, Nélio Naja viajava ao Rio de Janeiro com certa frequência para visitar sua família. No início do ano de 1979, em uma dessas viagens, Nélio aproveitou o período para rever os amigos do Taekwondo. Encontrou, por exemplo,

Nilo,<sup>5</sup> que realizava um treino com Welington Narany no aterro do Flamengo. Nélio Naja comentou que estava trabalhando com o Muay Thai em Curitiba e convidou os dois para conhecerem a modalidade. De acordo com Welington Narany, Nilo não demonstrou interesse. Já Narany aceitou o convite e combinou com Nélio de treinar Muay Thai na academia Naja, localizada na Galeria Gambier, na rua do Catete, na manhã do dia seguinte.

Segundo Reis e Rodrigues (2018, p. 39), foi coincidência o nome da academia ter o mesmo apelido do Nélio: “[...] o Flávio [Molina] queria dar um nome de animal bem selvagem à academia, [...] um dia sonhou que uma cobra gigante invadia o seu quarto. Devido à velocidade e ao bote do animal, resolveu batizar a academia de Naja”. A academia foi fundada em 29 de setembro de 1978, pelo menos um ano antes do pessoal do Rio de Janeiro conhecer Nélio Naja.

Welington Narany gostou tanto do treinamento que no mês seguinte foi à Curitiba. Segundo ele, passou um mês treinando de forma intensa com Nélio Naja e recebeu o certificado de faixa preta. Embora ao lembrar do passado com um tom de nostalgia, os mestres acentuassem as dificuldades em se graduar, vale destacar que na atualidade o tempo médio para se chegar ao grau preto é algo entre seis e oito anos de treino. A maioria destes mestres entrevistados, graduou-se em pouco tempo, mas é uma situação bem comum no período de introdução de uma arte marcial, devido à necessidade de formar professores para suprir a demanda.

Dessa forma, Welington Narany que já era faixa preta de Taekwondo, teve facilidade em aprender uma nova arte marcial e se tornou o primeiro faixa preta formado por Nélio Naja, no dia 17 de maio de 1979. Ao retornar ao Rio de Janeiro, continuou ministrando aulas da modalidade coreana, só que nos treinos de sábado, no horário dos graduados, começou a demonstrar e a ensinar os golpes de Muay Thai para Sandro Lustosa, Flavio Molina e demais graduados. Esse grupo estava tão emocionado com a nova modalidade que logo surgiu a ideia da realização de uma nova excursão à Curitiba. O pessoal queria conhecer e treinar com o próprio Nélio Naja – contribuindo com a construção do mito do herói (Campbell, 2004).

Sandro Lustosa comentou que na época eles estavam com pouco dinheiro para a viagem, então, convenceu os demais a levarem-no junto, pois tinha parentes na cidade e todos poderiam ficar hospedados na casa do seu tio. No mês de agosto de 1980 foram à Curitiba: Narany, Flavio Molina, Sandro Lustosa e Alexandre “Quém-Quém”. O grupo treinou na academia Muaythai por duas semanas. Flávio Molina recebeu o certificado de faixa preta, Sandro Lustosa e Alexandre “Quém-Quém” receberam a faixa azul. Depois disso, Flávio Molina e Welington Narany iniciaram, gradativamente, o processo de implantação do Muay Thai no Rio de Janeiro, sempre sob a supervisão

---

<sup>5</sup> Nilo Vaz da Silva foi um dos primeiros faixas pretas de Taekwondo formados no Rio de Janeiro por Woo Jae Lee. No ano de 1978, ele, Welington Narany e Flávio Molina fundaram a academia Naja (Reis; Rodrigues, 2018).

de Nélio Naja.

Os precursores do Muay Thai no Rio de Janeiro também destacaram a relevância e influência do anime *Sawamu* na disseminação da modalidade. Toma-se como exemplo a narrativa de Sandro Lustosa, que informou que com o sucesso do desenho animado *Sawamu*, os novos mestres de Muay Thai perceberam que estavam no caminho certo. Passaram, então, a pensar na questão de negócio, de marketing, sob supervisão de Nélio Naja acrescido da ajuda dos alunos mais graduados em Taekwondo da academia Naja, os quais migraram para a turma de Muay Thai.

Sandro Lustosa ainda destacou a importância de Wellington Narany e Flávio Molina na inserção da modalidade no Rio de Janeiro. Para ele, os dois cumpriram papéis diferentes, porém relevantes nos primórdios do Muay Thai nessa cidade. Ou seja, Narany contribuiu com as questões administrativas/burocráticas da inserção da modalidade na Confederação Brasileira de Pugilismo, enquanto Molina com a divulgação e credibilidade de modalidade.

A narrativa de Sandro Lustosa busca reforçar Wellington Narany como introdutor da modalidade na cidade do Rio de Janeiro, em parceria com Flávio Molina. Porém, assim como Reis e Rodrigues (2018), alguns autores fizeram uso da memória seletiva e apontam para Flávio Molina como o “[...] primeiro faixa preta brasileiro treinado por Nélio Naja”. Ele “[...] de fato foi o introdutor oficial da luta no estado” (Reis; Rodrigues, 2018, p. 54). É perceptível nas narrativas dos envolvidos uma tentativa de consolidar a sua memória como a oficial. Tanto que os dois envolvidos, Wellington Narany e Flávio Molina, apresentaram certificados de faixa preta com o número 001 (Figuras 1 e 2).

Ao comparar os dois certificados, que fazem parte dos acervos pessoais dos diplomados e que foram fotografados pelos pesquisadores durante as entrevistas, pode-se evidenciar que Wellington Narany se tornou faixa preta um ano antes de Flávio Molina (no ano de 1979). Embora exista uma disputa de valor simbólico a respeito de quem seria o introdutor da modalidade no Rio de Janeiro, Wellington Narany não omitiu a importância de Flávio Molina no desenvolvimento da modalidade no Rio de Janeiro, porém, enfatizou sua notoriedade como primeiro professor da modalidade na cidade e seu esforço em regulamentar a modalidade perante a Confederação Brasileira de Pugilismo, fato que ocasionou o fim da amizade e da sociedade na academia Naja, conforme ilustrado no título desta sessão.

À parte a pequena querela nas narrativas, foi em virtude do carisma de Flávio Molina e da dedicação de Wellington Narany que o Muay Thai começou a despontar frente às outras artes marciais, sendo considerado a modalidade mais completa, “mais real” (Sandro Lustosa, 2019). Atletas do Taekwondo passaram a frequentar a academia Naja, que em pouco tempo se tornou uma referência na modalidade tailandesa (Reis; Rodrigues, 2018).



Figura 1 e 2 – Certificados de faixa preta.

Fonte: acervos pessoais apresentados durante as entrevistas.

Os sócios da academia Naja começaram a divulgar a modalidade no Rio de Janeiro. Uma estratégia era a de tentar a inserção de apresentações nos eventos de Boxe promovidos pelo Santa Rosa (presidente da Confederação Brasileira de Pugilismo). Similar ao que ocorreu em Curitiba, outra iniciativa foi a realização de aulas em lugares públicos, como praças, praias, feiras e pontos turísticos do Rio de Janeiro. Flávio Molina aproveitou a sua popularidade (devido ao trabalho de modelo), para promover a modalidade junto às mídias locais, como jornais impressos e programas de televisão.

Fazendo uso das mesmas estratégias de publicidade utilizadas por Nélio Naja, a modalidade em pouco tempo ganhou o gosto dos cariocas interessados em artes marciais. Wellington Narany e Flávio Molina começaram a dar aula em várias academias do Rio de Janeiro. Os alunos mais graduados passaram a ministrar aulas na academia Naja. A prática se expandiu rapidamente e em pouco tempo passaram a dar aulas na Barra da Tijuca, Recreio, nas principais academias e clubes sociais da cidade. Como os proprietários da NAJA já tinham alunos graduados no Taekwondo, alguns rapidamente se graduaram no Muay Thai também, realizando apenas adaptações nos golpes de Taekwondo para os golpes de Muay Thai para receber a faixa preta.

No período de inserção e disseminação do Muay Thai, os exames de faixas eram realizados exclusivamente por Nélio Naja. A avaliação era composta por exercícios de corrida, flexão de braço, exercícios abdominais, barra fixa, saco de pancada, o *tudê*<sup>6</sup> e o

<sup>6</sup> O *tudê* era uma série de exercícios pré-determinados contra um oponente imaginário, semelhante ao kata praticado no Karatê.

combate. Para cada graduação existia uma quantidade mínima de exercícios a realizar, variando entre dez repetições para a primeira graduação e cem para o exame de faixa preta. Esse rito de passagem priorizava aspectos físicos, técnicos e outros relacionados à virilidade. Na tentativa de consolidar a identidade do Muay Thai no Brasil, o praticante deveria realizar diversos testes: “[...] resistência, combate, técnica, como transformar os golpes do Taekwondo em golpes do Muay Thai, de maneira que aquilo parecesse exclusivo e não uma cópia da modalidade de origem, pois a movimentação e a postura de combate são bem diferentes” (Sandro Lustosa, 2019).

Após o processo de construção identitária, com o desenvolvimento da modalidade e aumento do número de participantes, começaram a surgir as primeiras competições internas, ou seja, realizadas dentro das próprias academias de Curitiba e Rio de Janeiro. A primeira competição nacional foi um torneio interestadual envolvendo os atletas das duas cidades denominado “Desafio Curitiba-Rio de Janeiro”. Apesar da nomeação “desafio”, tratava-se de um evento acordado entre os representantes das academias para mostrar a necessidade de se promover competições interestaduais da modalidade. Não havia inimizade, o que ocorria, de fato, era um evento agendado com anuência dos mestres, porém, ao dizer que estavam sendo desafiados, atraía mais espectadores (Sandro Lustosa, 2019).

Esses desafios foram idealizados pelo Nélio Naja. As primeiras competições foram organizadas por ele com auxílio de Flávio Molina e Welington Narany no ano de 1981. Na ocasião, o Rio de Janeiro se sagrou campeão. Segundo a narrativa de Welington Narany (2019), Nélio Naja estava na vanguarda, pois as primeiras ideias foram dele. Tanto que foi Nélio Naja quem escolheu o local para a realização da primeira competição, uma academia no Berro D’água, onde Welington Narany ministrava aulas.

Sendo assim, percebe-se que a disseminação do Muay Thai para a cidade do Rio de Janeiro se deu a partir da influência de Nélio Naja, ainda que haja uma memória em disputa em relação ao primeiro mestre carioca.

### **“A minha história de praticante de Muay Thai acontece em 1983, após o desafio Rio de Janeiro-São Paulo”: a disseminação do Muay Thai em São Paulo**

*[...] embora não possamos estabelecer uma norma geral de interpretação: apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância. (Portelli, 1997, p. 29).*

A inserção do Muay Thai no estado de São Paulo se deu, sobretudo, a partir de um episódio pouco convencional, conforme sinalizado no breve relato elencado para o

título da sessão. Entusiasmado com a ascensão do Muay Thai nas cidades de Curitiba e Rio de Janeiro e com a realização do primeiro torneio interestadual, Nélcio Naja almejava expandir a modalidade para o estado de São Paulo. Para esse feito, contou com o auxílio dos parceiros Flávio Molina e Wellington Narany. A estratégia utilizada foi realizar um torneio interestadual envolvendo os campeões cariocas de Muay Thai contra atletas de Hapkido, Caratê e *Full Contact* do estado de São Paulo.

Álvaro de Aguiar e Paulo Nikolai foram os prováveis responsáveis pelo desenvolvimento da modalidade no estado de São Paulo, após a realização do “Desafio Rio de Janeiro-São Paulo de Muay Thai”, ocorrido no dia 30 de outubro de 1983. Ambos reconstroem suas memórias nas artes marciais a partir da participação nesse evento (Candau, 2011). Álvaro de Aguiar (2019) comentou que um ano antes, em 1982, Flávio Molina já tinha mencionado a intenção de realizar esse evento. Ele aceitou o desafio e se propôs a preparar alguns atletas do Hapkido, Boxe e *Full Contact* que treinavam na academia Tigre para a participação no evento. Nessa época, ele não ministrava aulas de Muay Thai, apenas selecionava alguns alunos e os treinava para a competição. Frisou ainda que não existia nenhuma instituição que regulamentasse as regras. Elas eram acordadas na hora do evento, de modo que, nesse torneio, foram disputados combates de dois *rounds*. A partir da narrativa de Álvaro de Aguiar é possível perceber que no início dos anos 1980 a modalidade ainda estava construindo a sua identidade como arte marcial (Pollak, 1992).

Paulo Nikolai (2019) assegurou que conheceu Flávio Molina e seus alunos em um campeonato brasileiro de Taekwondo no ano de 1981 e, na ocasião, conversaram a respeito de Molina abandonar o Taekwondo e se dedicar exclusivamente ao Muay Thai, até então, praticado somente em Curitiba e no Rio de Janeiro. Afirmou ainda que nesse período já era faixa preta de Taekwondo e Hapkido. Além disso, tinha conhecimento de Boxe e passou a ir com certa frequência ao Rio de Janeiro, nos finais de semana, para treinar com Flávio Molina, pois naquela época o Muay Thai era novidade e ele pretendia implantar a modalidade no estado de São Paulo. Por outro lado, Álvaro de Aguiar (2019) destacou que Paulo Nikolai era praticante de Taekwondo, aluno do Sang Min Cho, e passou a treinar Hapkido e Boxe na academia Tigre. Durante a realização do desafio Rio de Janeiro-São Paulo, Paulo Nikolai apenas acompanhou a equipe. Mas, foi aí que conheceu Flávio Molina e passou a viajar para o Rio de Janeiro visando aperfeiçoar a sua técnica.

Ao apoiar-se no desafio Rio de Janeiro-São Paulo para salientar a sua “importância histórica” (Portelli, 1997) e o início de sua trajetória como praticante de Muay Thai, Paulo Nikolai se contradiz ao informar quando começou na modalidade. Dessa forma, foi possível perceber uma disputa de memória a respeito de quem foi o pioneiro da modalidade no estado de São Paulo. Ao narrar suas memórias, Paulo Nikolai reconstruiu a história como gostaria que fosse (Rosa, 2007).

Ainda em relação ao início do Muay Thai praticado em São Paulo, Sandro Lustosa

(2019) comentou que a suposta arte marcial de São Paulo seria praticada por alunos do *Full Contact* que estavam migrando para o Muay Thai. Eles se preocupavam mais com a plasticidade na maneira de lutar do que com a efetividade dos golpes desferidos. Informou ainda que estava junto com Flávio Molina e Welington Narany na viagem à São Paulo para conhecer a academia Tigre e acertar os detalhes para a realização do campeonato idealizado por Nélio Naja. Ele comentou que Álvaro de Aguiar estava interessado em interagir com o Muay Thai, mas era algo discreto, não havia nada na academia que fizesse menção ao Muay Thai. Era necessário incorporar alguns elementos identitários importantes como a indumentária, gestos técnicos e comportamentos construídos e incorporados por Nélio Naja.

Paulo Nikolai (2019) contou que em 1985 abriu a primeira academia de Muay Thai na cidade de Campinas (SP), alegando, então, ser o primeiro professor da modalidade no estado de São Paulo e que, em 1986, realizou a primeira competição no estado. Os seus alunos competiram contra alguns atletas do Rio de Janeiro. Na sequência, em 1987, realizou o evento Campinas x Curitiba, sob a liderança do Rudimar Fedrigo, devido ao afastamento voluntário de Nélio Naja.

Explica-se: em 1986, o Muay Thai já estava estruturado nas cidades de Curitiba e Rio de Janeiro e a parceria com os professores de São Paulo (Álvaro de Aguiar e Paulo Nikolai) começava a se delinear, porém, Nélio Naja acreditou que poderia ficar rico através da mineração de ouro em Serra Pelada (PA). Abandonou o Muay Thai para ir em busca de ouro e pedras preciosas no Pará e – como era de se esperar – acabou caindo num golpe (Rudnick, 2015). Após permanecer no garimpo por alguns anos, Nélio Naja voltou ao Rio de Janeiro e se deparou com a modalidade sendo praticada de forma muito diferente do lecionado por ele.

Tanto Álvaro de Aguiar quanto Paulo Nikolai afirmam que o Muay Thai praticado na década de 1980 era bem diferente do que é praticado hoje. Álvaro de Aguiar disse:

Foi preciso começar de algum jeito, não se pode negar que os mestres pioneiros foram importantes para o desenvolvimento da modalidade. Não pode dizer que uma pessoa que fez lá trás, sem muitas informações, sem o auxílio da internet, não fazia o seu melhor, tão bem quanto é feito hoje. O pessoal critica, falando que aquilo não era Muay Thai, mas hoje o que é o Muay Thai? (Álvaro de Aguiar, 2019).

A construção memorialística de ambos os entrevistados dá indícios de que eles foram descobrindo e reconstruindo a modalidade com o passar dos anos. Ou, pelo menos, é isso o que desejam transparecer nas suas tentativas de assentar as suas memórias perante o pesquisador (Candau, 2011).

Álvaro de Aguiar (2019) contou que continuou treinando e competindo, mas, devido à escassez de eventos, lutava Hapkido, *Full Contact* e *Kickboxing* na América Latina. Em 1993, foi lutar nos Estados Unidos da América, em Los Angeles, e começou a competir pela entidade *World Wide Kickboxing Promotion* (WWKP).



Na narrativa apresentada, não se pode negligenciar a tentativa de representação de uma “identidade similar” envolvendo as modalidades. Vale lembrar que “[a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade” (Alberti, 2008, p. 167).

Por isso, entende-se que as narrativas sobre a disseminação do Muay Thai em São Paulo são marcadas por incertezas e apostas em um futuro promissor. Álvaro de Aguiar se distanciou de Nélio Naja e se estabeleceu como um lutador promissor nos Estados Unidos da América e Paulo Nikolai desenvolveu uma forte ligação com os alunos de Flávio Molina, administrando a sua própria academia, promovendo competições em São Paulo e ministrando aulas no Rio de Janeiro para os atletas de MMA da *Brazilian Top Team*, nas décadas de 1990 e 2000.

Embora Álvaro de Aguiar tenha sido o primeiro mestre de Muay Thai a montar uma equipe para representar o estado, foi Paulo Nikolai quem deu continuidade e batalhou pelo desenvolvimento do Muay Thai em São Paulo. Álvaro de Aguiar retornou ao Brasil em 2003, quando a modalidade já estava estruturada e com representatividade federativa.

## Considerações finais

Ao pesquisar o processo de inserção e disseminação do Muay Thai no Brasil, a partir das narrativas de quem o vivenciou, a primeira e mais evidente constatação foi a de que a origem da modalidade esteve imbricada ao Taekwondo. O introdutor da modalidade, Nélio Naja, foi também um dos primeiros faixas pretas da modalidade coreana no Rio de Janeiro. Ao abandonar o Taekwondo e iniciar o Muay Thai, já na cidade de Curitiba, ele fomentou a construção de um mito do herói, pois passou da condição de professor coadjuvante, sem muitas perspectivas, devido à programada chegada de vários mestres coreanos de Taekwondo, para o introdutor de uma modalidade que em pouco tempo se tornaria uma das de maior sucesso no Brasil. Só que, para sustentar o processo de desenvolvimento da modalidade, Nélio Naja precisou criar algumas versões a respeito de como a conheceu. Ao analisá-las, em conjunto, foram encontrados indícios de que Nélio Naja nunca esteve na Tailândia e que a modalidade foi criada a partir do Taekwondo com auxílio, muito provavelmente, do desenho animado Sawamu e algumas poucas fitas de VHS com lutas gravadas. Mesmo assim, o que vale no caso de Nélio Naja é que “[...] sua memória [...] pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito” (Pollak, 1989, p. 11).

De acordo com as narrativas dos entrevistados que estavam diretamente ligados ao processo de inserção e disseminação, a ascensão da modalidade foi muito rápida se



comparada a outras artes marciais. Em menos de três anos ela se propagou pelos estados do Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. Para a modalidade se disseminar desse modo, foram utilizados como recursos apresentações em praças e feiras pela cidade, anúncios em jornais, colagens de cartazes pelas regiões centrais, propagandas de rádio e televisão. Mas para a continuidade da difusão era preciso formar professores com urgência. A estratégia utilizada por Nélío Naja foi utilizar professores faixas pretas de Taekwondo e transformá-los em mestres de Muay Thai com rapidez. Não por acaso, Wellington Narany se graduou em um mês, Flávio Molina em 15 dias e Paulo Nikolay realizava algumas viagens de fins de semana indo ao Rio de Janeiro para treinar com Flávio Molina. Álvaro de Aguiar passou a ministrar aulas após participar do seu primeiro torneio interestadual, levando atletas do Hapikdo e Full Contact para lutar contra a delegação carioca de Muay Thai.

Mais tarde, esses mestres pioneiros, no final da década de 1980 e durante a década de 1990, procuraram desenvolver novas técnicas a partir de intercâmbios e seminários internacionais. Essas especializações permitiram elevar seus níveis técnicos e de seus atletas, proporcionando aos seus alunos competir em condições de igualdade com atletas de todo o mundo. Por outro lado, isso levou ao rompimento definitivo com o modelo criado por Nélío Naja, processo que, por sinal, foi facilitado quando este resolveu se aventurar como garimpeiro. Na atualidade, o Muay Thai brasileiro figura entre os melhores do mundo, devido ao empenho desses pioneiros. Já o inquieto e aventureiro Nélío Naja, ao falecer em 2018, tornou-se definitivamente um mito, pois, foi consensualmente imortalizado nas narrativas dos mestres que hoje são considerados os pioneiros desse esporte.

## Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.
- ALVES, Luiz; MARIANO, Artur. *Muay Tai: boxe tailandês*. São Paulo: On line, 2007.
- BOWMAN, Paul. *Deconstructing martial arts*. Cardiff: Cardiff University Press, 2019.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Guatemala: Cholsamaj Fundacion, 2004.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CIRCULO Militar do Paraná. programação cultural. *Diário do Paraná*, Curitiba, 18 maio 1980. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pasta=ano%20198&pesq=Muay%20thai&pagfis=141901>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- CIDADE foi escolhida por intuição mística. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 fev. 2007. Disponível

em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/cidade-foi-escolhida-por-intuicao-mistica-adr1kmw3edrpfusnk0wg8z0u/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA, entre 1954 e 1982. *História Oral*, v. 20, n. 1, p. 101-123, 2017.

JUKPING, Sukrittaya. Re-inventing the martial “hero” and the weak “beauty queen” through the sporting identity: a tale of two competing gendered bodies, Muay Thai and the stability of the Thai nation-state. *Sport in History*, v. 40, n. 3, p. 296-312, 2020.

LEE, Woo-Jae. *Defesa pessoal: Hoshin-sull do Taekwondo*. Santos, SP: Bueno Editora, 2019.

LISE, Riqueldi Straub. *Cerceamentos, coerções e esportividade no Ultimate Fighting Championship (UFC)*. Tese (Doutorado em Educação Física) – UFPR, Curitiba, PR, 2018.

MYERS, Tony; NEVILL, Alan; NAKKEEB, Yahya Al. A comparison of the effect of two different judging systems on the technique selection of Muay Thai competitors. *Journal of Human Sport and Exercise*, v. 8, n. 3, p. 761-777, 2013.

MOOKDARSANIT, Pakpoom; MOOKDARSANIT, Lawankorn. A content-based image retrieval of Muay-Thai folklores by salient region matching. *International Journal of Applied Computer Technology and Information Systems*, v. 7, n. 2, p. 21-26, 2018.

MÜLLER, Edmilson Borges; ETO, Jorge. História Oral do Taekwondo em Cuiabá-MT: os primeiros Mestres. *Connection Line*, Várzea Grande, n. 4, p. 14-26, 2014.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. “Ele mesmo contou isso”: Nélio Naja, a produção de um mito. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, 2020.

NODARI, Eunice Sueli. A dor do esquecimento: as marcas da ditadura Vargas no Oeste de Santa Catarina. *História Oral*, v. 12, n. 1-2, p. 157-176, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, jan./jun. 1997.

RIOS, Gleyson Batista. O processo de esportivização do Taekwondo. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 37-54, 2005.

REIS, Caudia; RODRIGUES, José de Alemida. *Diamante: a história de Luiz Alves, lenda do Muay Thai e do MMA*. São Paulo: Forma & Conteúdo, 2018.

ROSA, Nina Gabriela Moreira Braga. Identidade: Anthony Giddens e Norbert Elias. *Humanidades em Diálogo*, v. 1, n. 1, p. 135-148, 2007.

RUDNICK, Fernando. A vida de ermitão do mestre da luta. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 24 jan. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/lutas/a-vida-de-ermitao-do-mestre-da-luta-ej6yq4j6x0oijt5x52fgv5332m/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

TAEKWONDO Hall of Honor. *La Cancha*, 2015. Disponível em: <http://www.lacancha.com/tackwondohallofthonor.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

## Fontes Orais

AGUIAR, Álvaro de [64 anos]. [ago. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. São Paulo, SP, 1 ago. 2019.

CUNHA, Augusto Cesar [64 anos]. [set. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, RJ, 15 set. 2019.

FEDRIGO, Rudimar [58 anos]. [jul. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Curitiba, PR, 4 jul. 2019.

LUSTOSA, Sandro Roberto Batista [55 anos]. [jul. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, RJ, 19 jul. 2019.

PEDROSO, Edinei Carlos [50 anos]. [jul. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Curitiba, PR, 1 jul. 2019.

SILVA, Wellington “Narany” Luiz da [61 anos]. [ago. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Vila Velha, ES, 19 ago. 2019.

MOLINA, Marcelo Dumar [38 anos]. [jul. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, RJ, 22 jul. 2019.

MOREIRA DA SILVA, Antônio Reginaldo “China” [59 anos]. [jul. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Curitiba, PR, 3 jul. 2019.

NOGUCHI, Fábio Seuchi [54 anos]. [jul. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Curitiba, PR, 17 jul. 2019.

REGUEIRA, Júlio Cesar de Souza [57 anos]. [ago. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Balneário Camboriú, SC, 29 ago. 2019.

SOUZA, Paulo “Nikolai” de [58 anos]. [set. 2019]. Entrevistador: Ivo Lopes Müller Júnior. Campinas, SP, 9 ago. 2019.

Recebido em 28/04/2021.

Aprovado em 17/07/2021.

**Contribuições dos autores:** Müller Júnior: planejamento da pesquisa, realização de entrevistas, análise dos dados e redação; Vargas: análise dos dados, grupo focal, redação e revisão; Capraro: proponente do projeto de pesquisa (guarda-chuvas), orientação, grupo focal, revisão geral da redação e apoio na revisão historiográfica.

**Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE):** 51225615.5.0000.5540.

**Fonte de financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

**Conflitos de interesse:** nada a declarar.